

Frontispício ornamentado de um exemplar, manuscrito em pergaminho, da «Chronica de D. Afonso Henriques» de Duarte Galvão, ib., pp. 236-241. Acompanha este artigo uma fototipia, que representa o formosíssimo frontispício do referido exemplar.

Alguns Apontamentos acêrca da 2.^a edição dos «Diálogos de Vária História» de Pedro de Mariz, ib., pp. 347-350. Junto do artigo está a reprodução, em fototipia, do rosto do referido livro.

A «Vita Christi» da Biblioteca da Universidade de Coimbra, ib., pp. 473-481. Com estampas que reproduzem algumas da Vita Christi.

*As Constituições do Bispado de Coimbra publicadas em 1521 pelo Bispo Conde D. Jorge de Almeida, e notas biográficas a êle relativas; ib., vol. II, 1915, pp. 99-109. Este artigo, acompanhado da reprodução fototípica do rosto das referidas Constituições e da página do seu Prologo, precede a reimpressão das mesmas, feita em várias páginas dos volumes II, III, IV e V do Boletim cit., e de tudo isso se fez uma separata com este titulo: *Côstituyçoões do bispado de Coimbra: feytas pollo muyto reuerendo e magnífico senhor o senõr Dom Jorge Dalmeyda: Bispo de Coimbra Conde Darguanil. & c . . . Segunda impressão editada pela Biblioteca da Universidade de Coimbra, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1919.**

Alguns Escritos do Cardeal D. Jorge da Costa, ib., vol. IV, 1917, pp. 159-164. Com notas biográficas acêrca do referido Cardeal; precede a publicação dalguns inéditos do mesmo, feita nos vol. IV e V do citado Boletim.

FORTUNATO DE ALMEIDA.

Sinais medievais de tabelião

(Sec. XI-XIII)

«Até o fim do seculo XIII decorre o periodo mais obscuro da historia do tabeliado em Portugal. Ainda assim, revela-se já o influxo que na instituição teve cá o direito de Justiniano, para a qual contribuiu não só com o nome dos officiaes que a representavam, mas ainda com muitos dos preceitos que a regiam». Deste modo se exprime o Sr. Gama Barros na *Hist. da administração*, t. III, p. 732. Nos nossos mais antigos documentos as pessoas que os escrevem apõem em geral aos seus nomes unicamente *notuit*, por exemplo: em um documento de 870 *Palmatius presbiter notuit*, nos *Diplomata et Chartæ*, p. 4; num de 907 *Zidi presbiter notuit*, p. 10; num de 1002

Gunsaluo notuit, p. 115; num de 1100 *Sisnandus notuit*, p. 547. Em vez de *notuit* pode encontrar-se outro verbo.

Dos dois termos sinonimos, *tabellio* e *notarius*, que vinham da antiguidade romana, através das leis dos Visigodos, e que designavam o escrevente de um documento ou auto, foi *tabelião* ou *tabelião das notas* (mais abreviadamente *tabelião de notas*) o que se radicou entre nós, ficando o outro para designar o *notario apostolico*: G. Barros, obr. cit., p. 725¹. «É desde o reinado de D. Affonso II, 1211-1223, continúa o mesmo illustre historiador, que se encontram em Portugal officiaes publicos com o titulo de *tabeliões*, cuja intervenção nos instrumentos de direito privado dá a estes actos a natureza de escriptos authenticos»². O titulo durou muitos seculos, e só modernamente foi substituido pelo seu rival, isto é, por *notario*, que hoje se tem até por mais nobre.

Tratar da origem e evolução do tabelionato ou notariado pertence á Historia das instituições sociais, como, com relação ás primeiras epochas da vida portuguesa, fez magistralmente o Sr. Gama Barros no seu mencionado trabalho. Alguma cousa fica porém ainda para a Etnografia: o tipo do tabelião ou notario, através dos tempos³; o seu cartorio; o seu livro de notas, *in folio*; de capa flexivel de carneira, atado com fitas da mesma substancia; o seu tinteiro de corno, metido no bôlso a toda a altura d'este, quando o notario vai longe fazer testamentos e escrituras⁴; numa palavra, os sinais e cetras⁵ com que o referido funcionario autentica o que escreve. João Pedro Ribeiro consagrou aos *sinaes publicos*, tanto de tabeliões como de pessoas particulares⁶, o capitulo I da sua Dissertação IX, e diz no principio: «Posto que só no sec. XIII, e ainda mais no XIV, se frequentou entre

¹ O *tabelião das notas* tambem se chamava *do paço*, por ter *paço* em «casa afastada», para estar ao serviço das partes. Vid. G. Barros, *ibid.*, p. 764.

² P. 728.

³ No de D. Duarte, por exemplo, vestido de «roupas farpadas e devisadas de cores desvairadas com deferenças partidas bem devisadas»: trajo ainda usado em 1490, mas já como antiquado. Vid. G. Barros, *ob. cit.*, III, 760-761.

⁴ Cf. *Hist. do Museu Etnologico*, Lisboa 1915, p. 236.

⁵ *Cetras* (plural de *cetra*) são «as riscas que se fazem no nome, para que a firma se não furte facilmente»; tambem se lhes chama *guarda do nome*. Vid. Moraes, *Dicc. da ling. port.*, s. vv. «guarda do nome» e «cetra». A palavra *cetra* vem de *et cetera*. A isto chamam os Franceses *paraphe*. — Acêrca de *cetra* cf. tambem J. P. Ribeiro, *Dissert. Chronol.*, t. III-II, p. 25 e nota d.

⁶ *Sinaes publicos* de pessoas particulares: isto é, usados por elas em contratos e outros documentos de caracter público.

nós o uso dos sinais publicos dos Notarios, e Tabelliães, com tudo, desde o sec. IX; e nos mais antigos Documentos, que os nossos Cartorios conservão, apparece não só a simples cruz para indicar a roboração dos Contrahentes, dos Confirmantes, e dos Notarios, posto que menos vulgares até o sec. XI, e ainda até o XIII¹. E menciona em seguida varios exemplos de sinais publicos de pessoas particulares, do sec. IX em diante, e de notarios, do sec. XI em diante. O mesmo A. cita depois várias leis, de D. Denis (1305) etc., que obrigam o tabelião a pôr o seu sinal nos instrumentos que entregar às partes².

No presente artigo occupar-me-hei de alguns «sinais» medievais ou *signa*, tanto de tabeliães propriamente ditos, como de meros escribas, do sec. XI ao XIII.

Com quanto eu possua ou conheça sinais de todas as epochas da nossa historia, do sec. XI ao actual³, não passo para cá do sec. XIII, porque me falta agora tempo para mais. Tenho apenas em mira dar uma amostra de um ramo de Etnografia retrospectiva, ainda amplamente não explorado, como creio, entre nós⁴. Os meus exemplos colhi-os na Torre do Tombo⁵. Os desenhos são de Saavedra Machado, Desenhador do Museu Etnologico Portuguez.

Disponho da seguinte maneira o meu trabalho: agrupo em estampas cronologicamente os sinais, numerando-os; menciono nas páginas que vão agora seguir-se as proveniencias de cada um, e dou aí ás vezes outras noticias; no fim faço algumas considerações gerais⁶.

1. Documento do ano de 1092, de pergaminho; tem na Torre do Tombo o n.º 783. O *sinal* representa uma cruz de fantasia: braços enlaçados, dentro da cruz cinco pontos (= cinco chagas de Cristo), flores de lis nos cantos. De cada lado ha palavras, em parte abreviadas, que dizem: *Ordonius p(resbyter) not(uit)*. Propriamente *notuit* é

¹ *Dissert. Chronol.*, t. III-II, p. 10-12.

² *Ob. cit.*, *ibid.*, p. 12.

³ O uso do sinal publico de tabelião, isto é, de notario, foi abolido pelo decreto n.º 4170 de 26 de Abril de 1918, art. 17.º (vid. *Diário do Govêrno*, n.º 92, de 30-IV-1918).

⁴ No *Arch. Port.*, XIX, 87, e XXII, 245-246, dei já umas amostras.

⁵ Tambem colhi exemplos de sinais publicos de pessoas particulares, mas d'esses não trato aqui.

⁶ O assunto será tratado com maior desenvolvimento na minha *Etnografia Portuguesa*, onde falarei de tudo o mais que concerne ao tabelião, e publicarei desenhos não só de outros sinais, desde a idade-media até o nosso tempo, mas de cetras ou guardas, tambem de diferentes epochas.

preterito de *notescere* «tornar-se notado ou conhecido», mas vale aqui por *notavit*, de *notare*, no sentido de «escrever».

2. Doc. de 1154, na caixa 80, maço 1.º, pergaminho n.º 11. Papagaio voltado para a direita do observador. Em frente d'ele um quadrilongo mais ou menos artistico, e dentro, em duas linhas: *Veremudus pinxit*. (A par de *Veremudus* encontra-se nos documentos medievais tambem *Vermudus*: vid. Cortesão, *Onomast.*, s. v.; e cf. Meyer-Lübke, *Die altportug. Personennamen*, p. 71). O papagaio pôde ser um simbolo falante. Lembro-me se o escriba, considerando, embora falsamentê, o seu nome *Veremudus* como composto de *vere* + *mudus* (= *mutus*) «verdadeiramente mudo», quis, pelo contrário, mostrar que era bem-falante, e desenhou por isso ao lado uma ave que se tem por tipo de pessoa palradora. A mesma ave figura a falar numa poesia de El-Rei D. Denis, in *Cancion. da Vaticana*, n.º 137, onde o nome tem a fôrma provençal *papagai*: «E o *papagai* dizia: Bem, por quant'eu sey, senhora». Já Plinio na *Naturalis Hist.*, liv. x, cap. 42, § 117, falando de várias aves que obedecem a ordens do homem, ou imitam, quer o mugido do boi, quer o rincho do cavallo, acrescenta: *super omnia humanas voces reddunt, psittaci quidem etiam sermocinantes. India hanc avem mittit. . imperatores salutat* (ed. de Mayhoff). Alem de existir na Asia (como diz Plinio), o papagaio existe tambem nas outras partes do Mundo, excepto na Europa, onde porem viveu no periodo miocenico. A graça de saudar os imperadores romanos é comparavel á que se lhe applicava em Portugal no tempo da monarquia, fazendo-o dizer que o rei ia á caça: cf. *Tradiç. pop. de Portugal*, § 301.—Em um antigo livro hespanhol, com o titulo de *Gobierno general. . hallado en las aves mas generosas*, por Fr. Andrés Ferrer, Barcelona 1696, p. 273 sgs., ha algumas noticias curiosas acêrca do papagaio. Vid. tambem H. Suolahti, *Die deutschen Vogelnamen*, Estrasburgo 1909, pp. 1-2: aí fala do papagaio romano (*Psittacus torquatus*), ido na idade-media para a Alemanha, onde varios documentos testemunham então a existencia da ave.

3. Doc. de 1195, c. 80., m. 2.º, n.º 79. Ao lado esquerdo do sinal, que representa acaso «N» (= *notuit*), lê-se *Martinus p(res)b(yte)r.*

4. Doc. de 1251, c. 83, m. 1.º, n.º 76. O centro do sinal é uma cruz de quatro braços espalmados, igual á que depois se usou na ordem de Cristo. A cruz está dentro de um quadro semelhante ao de que falei n-*O Arch. Port.*, XXIII, 312, fig. 238.

5. Doc. de 1251, c. 83, m. 1.º, n.º 81. Quanto ao quadrado, cf. o sinal anterior. O tabelião escreveu as seguintes palavras no documento: *hoc meū signum apposuj ī eodē.*

6. Doc. de 1259, c. 84, m. 1.º, n.º 13. Sinal de um «tabelião público»: quadrado inscrito noutro.
7. Doc. de 1260, c. 84, m. 1.º, n.º 31. Do Alentejo. O sinal é uma cruz de fantasia, inscrita numa epicycloide de quatro arcos.
8. Doc. de 1262, c. 84, m. 1.º Sinal de um *publicus tabellio*, que diz no documento: *hoc signum meum... apposui*.
9. Doc. de 1268, c. 84, m. 1.º, n.º 65. Sinal de um tabelião da «Terra da Maia». Lê-se em duas linhas: *spes mea in Deo est*, no prolongamento do sinal propriamente dito.
10. Doc. do sec. XIII, c. 85, m. 1.º, n.º 4. Cruz, cantonada por quatro estrelas, inscrita numa epicycloide de oito arcos.
11. Doc. de 1270, c. 85, m. 1.º, n.º 11. O centro do sinal é uma cruz cantonada por quatro pontos, e inscrita num círculo.
12. Doc. de 1270, c. 85, m. 1.º, n.º 13. Sinal de fantasia.
13. Doc. de 1271, de «tabelião público», c. 85, m. 1.º, n.º 14. Cruz cantonada por quatro arruelas.
14. Doc. de 1271, c. 85, m. 1.º, n.º 42. O centro é uma cruz.
15. Doc. de 1271, c. 85, m. 1.º, n.º 72: *signum de tabellio*, como no documento se lê. A base é uma cruz floreada.
16. Doc. de 1272, c. 85, m. 1.º, n.º 72. Este *signum de tabellio* representa um castelo analogo ao que veremos adiante, n.º 37.
17. Doc. de 1272, c. 85, m. 1.º, n.º 74.
18. Doc. de 1273, c. 85, m. 2.º, n.º 9. Sinal de tabelião público de Vilaviçosa.
19. Doc. de 1274, c. 85, m. 2.º, n.º 40. O documento a que pertence este sinal de tabelião era do mosteiro de Alcobaça. A base é uma flor cruciforme, com ornatos nos cantos da cruz: aspecto geral de rosa estilizada.
20. Doc. de 1274, coleção especial, caixa 85, doc. n.º 25. Chave.
21. Doc. de 1275, c. 85, m. 2.º, n.º 66. O tabelião era bracarense.
22. Doc. de 1276 (do mosteiro de Alcobaça), c. 85, m. 2.º, n.º 82. Cruz de fantasia, cantonada de arruelas.
23. Doc. de 1278, c. 86, m. 1.º, n.º 17. O sinal representa um «M» floreado. Tabelião de Ourem: deve ser o que noutro documento se chama «Martinus de Maia», que tem sinal igual (não posso agora verificar).
24. Doc. de 1278, c. 86, m. 1.º, n.º 72. Tabelião de Santarem.
25. Doc. de 1279, c. 86, m. 1.º, n.º 27. Tabelião de Santarem, talvez o mesmo do sinal anterior (não posso agora verificar), porque os dois sinais parecem-se entre si. Vid. outro na c. 87, m. 1.º, n.º 25.

26. Doc. de 1279, c. 86, m. 1.º, n.º 32. Tabelaio eborense. A base é uma cruz ornamentada nos cantos.

27. Doc. de 1279, c. 86, m. 1.º, n.º 34. Tabelaio eborense. O sinal parece ser uma chave estilizada e floreada.

28. Doc. de 1279, c. 86, m. 1.º, n.º 35. Tabelaio conimbrigense. Cruz de fantasia.

29. Doc. de 1279 (e de 1285), c. 86, m. 1.º, n.º 39 (e m. 2.º, n.º 55). Sinal do tabelaio santareno *Iohannes Dominici*. O aspecto geral é de cruz de braços muito compridos, cantonada de arruelas, e com uma letra em cada um dos extremos dos braços; mas devemos compreender que o pé da cruz representa um «I», inicial do nome proprio do tabelaio, e que as letras são «D» «D», voltados por simetria um para o outro, pois cada um representa a inicial do patronimico. Encontra-se simetria semelhante nos amuletos que têm «JML» (= Jesus, Maria, José), com o segundo «J» voltado para a direita.

30. Doc. de 1280, c. 86, m. 1.º, n.º 44. Tabelaio de Torres Novas. A base é uma cruz, que tem outra no centro, cantonada de arruelas.

31. Doc. de 1280, c. 86, m. 1.º, n.º 45. Tabelaio estremenho. A base é uma cruz muito desfigurada.

32. Doc. de 1280, c. 86, m. 1.º, n.º 51. Tabelaio da Covilhã.

33. Doc. de 1280, c. 86, m. 1.º, n.º 52. A base pode ser uma cruz.

34. Doc. de 1281, c. 86, m. 1.º, n.º 56. Tabelaio lisbonense. Cruz cantonada de arruelas, e encimada de um triangulo; aspecto geral de lança.

35. Doc. de 1281 (e de 1284), c. 86, m. 1.º, n.º 68 (e m. 2.º, n.º 38). Tabelaio bejense. O sinal, que é formado de uma lança que atravessa duas argolas, faz lembrar um pouco o do número anterior.

36. Doc. de 1282, c. 86, m. 1.º, n.º 79. Tabelaio de Porto de Mós.

37. Doc. de 1283, c. 86, m. 2.º, n.º 8. Sinal de Giral Soares, «prubico tabalion de Sanctaren». O sinal representa uma cruz cantonada de outras menores e mais simples. Nos extremos dos quatro braços da cruz principal ou maior vêem-se os escudetes das quinas, um em cada extremo (mas todos eles voltados para baixo, o que nas moedas só aconteceu do tempo de D. João II em diante); no centro da cruz vê-se uma porta geminada, de arcos de ferradura, como nas portas arabicas: cf. *O Arch. Port.*, xxiii, 114. Este sinal tem certa parecença com os selos do concelho de Santarem, da mesma epoca, publicados pelo S.ºr Pedro de Azevedo in *O Arch. Port.*, iii, 173 sgs.—Acêrca dos selos dos concelhos, no sec. xiii, vid. Gama

Barros, *Hist. da admin.*, III, 117 sgs. (o A. promete tratar do assunto, mais desenvolvidamente, noutro lugar da sua vasta obra: vid. o que diz a p. 118, nota 7).

38. Doc. de 1283, c. 86, m. 2.º, n.º 9. Do tabelião Martim Martinz, de Torres Novas. Cruz formada de várias cruces concentricas.

39. Doc. de 1283, c. 86, m. 2.º, n.º 10. Do tabelião *Dominico Stephani*. Cruz dentro de um quadrado, como o de que falei sob o n.º 5 e 4; este quadrado combina-se com outro.

40. Doc. de 1284, c. 86, m. 2.º, n.º 38. Do tabelião *Stephanus Ihñis*, de Obidos. O sinal é floreado, e tem as letras «S», «T», «E», que começam a palavra *Stephanus*.

41. Doc. de 1284, c. 86, m. 2.º, n.º 47. Do tabelião *Dominicus Martini*, de Lisboa. O sinal é complexo, com cruces, e um «M» deitado, inicial do nome.—Cf. o n.º 11.

42. Doc. de 1287, c. 87, m. 1.º, n.º 26. Do tabelião *Iohā Ssimōjz*, da Atouguia. No sinal póde estar representada a letra inicial do nome.

43. Doc. de 1287, c. 87, m. 1.º, n.º 36. Do tabelião bejense *Johanne Hannes*. Poderá ser o sinal uma especie de monograma («I» + «A») floreado.

44. Doc. de 1287, c. 87, m. 1.º, n.º 40. Do tabelião obidense *Aprilis Petri*. O sinal representa uma embarcação: numa extremidade avulta a *pôpa* com a *camara*, onde se exprime bem o *tombadilho* e as *vigias* (janelas redondas); na outra extremidade vê-se a *prôa*; ao centro o *mastro* inclinado. É possível que também em baixo, e á direita do observador, se quisesse figurar o *leme*, e do lado oposto um *remo*.

45. Doc. de 1287, c. 87, m. 1.º, n.º 42. Do tabelião santareno *Michael Martini*. O sinal consta de ssss enlaçados e postos num quadro cujos angulos estão exteriormente ornamentados.

46. Doc. de 1287, c. 87, m. 1.º, n.º 45. Do tabelião *Domingos Migez*, da Terra da Maia.

47. Doc. de 1287, c. 87, m. 1.º, n.º 47. Do tabelião *Johannes Menendi*, de Lisboa. O sinal representa um mosaico, do tipo que os Romanos chamavam *pavimentum sectile*; desenha-se na tessela central uma cruz, e em cada uma das que immediatamente a circundam um cravo (alusão ao martirio de Cristo.)

48. Doc. de 1288, c. 87, m. 1.º, n.º 53. Do tabelião vimaranense *Ioane Stevaenz*. O sinal é formado de um escudo de brasão, encimado de uma cruz. No escudo ha faixas horizontais, como em alguns brazões de familias (por exemplo no da familia dos Ferreiros, que tem quatro); mas este será de fantasia.

49. Doc. de 1288, c. 87, m. 1.º, n.º 54. Do tabelião *Dominicus Johannis*, de Santarem. O sinal representa um castelo, como alusão certamente ás fortificações da cidade ou ao selo do concelho: cf. o desenho n.º 37. Este sinal é quasi igual ao n.º 14, e ambos pertencerão ao mesmo tabelião, o que não posso agora verificar.

50. Doc. de 1289 (?), c. 87, m. 2.º, n.º 3. Do tabelião *Gonçalo Martinz*. O sinal representa uma chave de cofre, que por isso difere da do n.º 20; dentro da *manzeira* ou *argola* da chave há um «G», inicial do nome.

51. Doc. de 1289, c. 87, m. 2.º, n.º 9. Entrelaçamento artistico de duas pseudo-elipses.

52. Doc. de 1289, c. 87, m. 2.º, n.º 16. Do tabelião de Almada, *Domingos Prz* (Piriz ou Perez). Sinal que lembra uma lira, posta ao invés.

53. Doc. de 1289, c. 87, m. 2.º, n.º 21. De Garcia Moniz, *tabaliom* de Obidos.

54. Doc. de 1290, c. 87, m. 2.º, n.º 30. Do tabelião *Pero Dominguez*, de Guimarães. Cruz dentro de um quadrado, em cujos angulos ha circulozinhos; o todo dentro de uma figura analoga á do n.º 36. Já noutros sinais vimos a cruz inscrita em um quadro: n.º 4, n.º 10, n.º 37, etc.

55. Doc. de 1291, c. 87, m. 2.º, n.º 39. De tabelião santareno. Cruz dentro de uma epicycloide de quatro arcos, a modo de roseta (cf. n.º 7), e o todo assente num quadro. Por baixo ha um rabisco, como pé ou haste de flor.

56. Doc. de 1291, c. 81, m. 2.º, n.º 72. O sinal representa uma especie de lira (cf. n.º 8, e n.º 51), com duas estrelas em cima, uma de cada lado, e o conjunto dentro de um quadrado que se combina com outro, como no n.º 39; nos triangulos resultantes d'esta combinação ha pontos. O tabelião juntou: *signũ meũ apposui*.

57. Doc. de 1293, c. 87, m. 2.º, n.º 70. Do tabelião *Migueel Martijz*. A base do sinal é por isso um «M».

58. Doc. de 1293, c. 87, m. 2.º, n.º 73. Do tabelião *Domingos Paez*, de Pombal. O sinal é uma cruz recruzetada, que tem inclusa outra.

59. Doc. de 1293, c. 87, m. 2.º, n.º 79. De Domingos Martinz, tabelião «em Terra de Bayam e de Penaguyam».

60. Doc. de 1293, c. 87, m. 2.º, n.º 82. Do tabelião *Domingos Dominguez*, de Alvito, que parece ter figurado no desenho um «D» em cada extremo da recta: D-D, iniciais simetricas.

61. Doc. de 1293, c. 87, m. 2.º, n.º 83. Parece um «S» cortado por uma cruz. (Não tomei nota do nome do tabelião; talvez ajudasse a interpretar o sinal).

62. Doc. 1294, c. 87, m. 2.º, n.º 89. De um tabelião de *Leirea*.

63. Doc. de 1294, c. 87, m. 2.º, n.º 98. De um tabelião lisbonense. Desenho de fantasia: o centro é uma cruz de S. André, ou «X», cantonada por uma especie de escudetes.

64. Doc. do sec. XIII (não tomei nota da marcação). Cruz de braços vasados, que se expandem no centro d'ela; o todo dentro de um quadrado.

65. Doc. do sec. XIII (não tomei nota da marcação). Do tabelião *Johannes Suarii*. O sinal representa um «I» (inicial de *Johannes* = *Johannes*), com ornamentos laterais: cf. o n.º 29.

Resumamos em breves linhas o que fica exposto acima.

A religião, na idade-média, dominava a existencia inteira do homem, desde que este vinha á luz, até que ia morto para a campa: a cruz, que simboliza o cristianismo, tornou-se pois não só um dos elementos mais freqüentes dos sinais, mas uma das suas bases ordinarias, — cruz simples, cruz ornamentada e de fantasia, cruz inscrita em quadros, cruz cantonada de astros ou de arruelas, como nas moedas, por onde os tabeliões muitas vezes se regularam¹. Vid. os n.ºs 1, 4, 7, 10, 26, 28, 30, 39, 58, etc.

No n.º 20 temos claramente uma chave. O mesmo objecto, mais artistico, o julgo tambem representado no n.º 50, e talvez eu não erre dando igual nome á figura n.º 27. A chave como que indica a «firmeza» e validade do documento. Isto se confirma com os seguintes dizeres de uma *charta* do ano de 1223, citada por Maigne, *Lexicon manuale*, Paris 1866, s. v. «clavis»: *hanc chartam . . . clave sigilli nostri roboratam eidem contuli*, ao que Maigne acresta: «ubi aliae chartae praeferunt munimine», isto é, «com a segurança, etc.». Ainda nós hoje dizemos «fechar um contracto».

Acêrca dos castelos que se vêem nos n.ºs 16 e 49, e do sinal n.º 37, já ajuntei algumas observações quando os descrevi.

Como os sinais têm por fim sobretudo autenticar documentos, marcando bem a individualidade de quem os escreveu, é natural que manifestem o cunho d'essa individualidade: e que melhor modo de o

¹ O termo *arruela* é tirado da linguagem do brasão, e usado pelos numismáticos, a par com *anel*, e *ponto* (se o anel está apagado). Tambem poderia usar-se *globulo*. Estes sinais que cantonam as cruces monetarias nasceram em longínquo passado, e perderam aqui a significação primitiva, que se relacionava com ideias astrolatricas. Cf. W. Deonna, «Les croyances religieuses, etc.» in *Bullet. de l'Institut. Nation. Genev.*, XLII, 371 s.

obter do que com a rubrica de cada tabelião? Por tal motivo se representam as iniciais dos nomes nos n.ºs 23, 29, 40, e creio que 60. Se é justa a interpretação que no lugar respectivo dei do n.º 2 (pagaio como contraste de mudez), encontramos aí um bom exemplo de chalaça portuguesa, que nem nas cousas graves, como documentos officiais, se soffreia!

Alguns *sinais* não passam de flores estilizadas (n.ºs 19, 32), de desenhos geometricos (n.ºs 6, 17), de simples figuras ornamentais, que lembram liras (n.ºs 8, 52, 56), mosaicos (n.ºs 45, 47), ou são meramente fantasticas (*passim*). Com relação a outros, apesar de referidos á realidade, como o n.º 44 (embarcação), o n.º 48 (braço), o n.º 35 (lança), não posso indicar a origem historica dos temas.

*

A colecção é demasiado curta para que do exame d'ela se tirem conclusões de grande alcance. Os *sinais* dos nossos tabeliões ora reflectem as ideias dominantes da epoca, ora aludem aos proprios funcionarios que os usavam, ou a cousas da vida local, ora são productos da imaginação individual, mais ou menos rica: e nisto estão de acôrdo com o que se passava noutras nações, por exemplo na vizinha Hespanha¹, e em França², onde se faziam pelo mesmo tempo *sinais* semelhantes.

Na escassez em que nos achamos de obras d'arte, pinturas, iluminuras, desenhos á pena, relativas aos primeiros seculos da idade-media portuguesa, olhemos com certa simpatia para esses modestissimos *sinais*, que por vezes testemunham tal ou qual destreza. Em verdade elès não se nos exibem directamente, mas por intermedio da mão de Saavedra Machado! Ainda assim, devo ponderar que, costumando o primoroso Desenhador do Museu Etnologico ser sempre exacto no que copia, as gravuras que constituem as adjuntas estampas traduzem fielmente (á parte talvez, aqui e acolá, a firmeza do traço), os emblemas e geroglifos que os tabeliões lançaram no pergaminho. Isto pelo que toca á Arte, e neste caso: Arte popular. Pelo que toca ao restante campo da Etnografia, os *sinais*, além de em si contituiem um costume, que nos vinha de eras remotas³, dão-nos ideia de uma embarcação do

¹ Merino, *Escuela paleográfica*, Madrid 1780, p. 124 (sec. x).

² Guigue, *De l'origine de la signature*, Paris 1863, p. 28 sgs., 61-62 63 sgs.

³ Cf.: Guigue, *ob. cit.*, p. 28 sgs., que faz ascender o uso dos *sinais* ao sec. vi; e já tambem J. P. Ribeiro, *Dissert. Chron.*, III-II, 10, nota b.

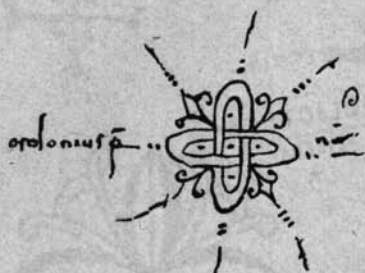


Fig. 1

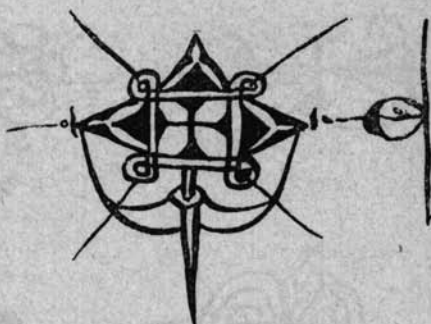


Fig. 4



Fig. 5

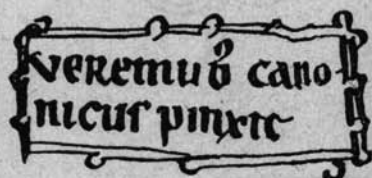


Fig. 2

Martin' pbr.



Fig. 3



Fig. 6



Fig. 8



Fig. 7



Fig. 10



Fig. 12

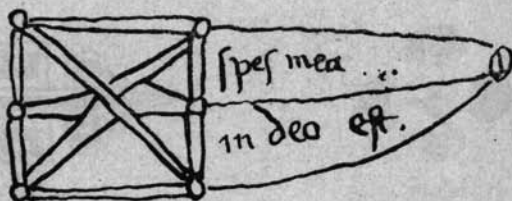


Fig. 9



Fig. 11



Fig. 13



Fig. 14



Fig. 15



Fig. 19



Fig. 17

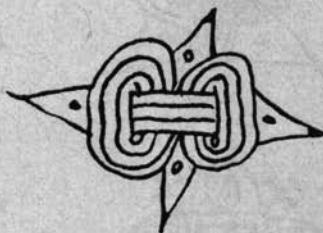


Fig. 21



Fig. 16

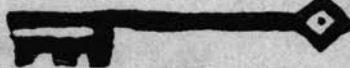


Fig. 20



Fig. 18



Fig. 22



Fig. 23

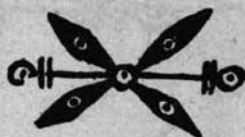


Fig. 24



Fig. 25



Fig. 26

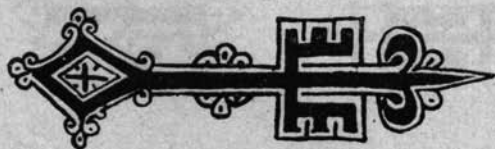


Fig. 27

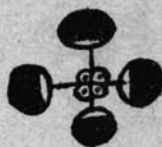


Fig. 28



Fig. 29



Fig. 31



Fig. 32



Fig. 33



Fig. 34

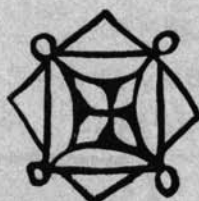


Fig. 39



Fig. 30



Fig. 36



Fig. 37



Fig. 40



Fig. 35

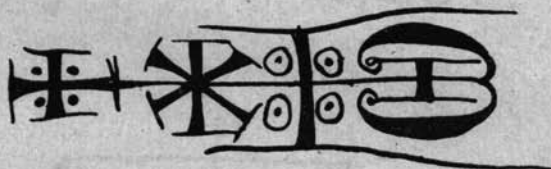


Fig. 41



Fig. 44



Fig. 43



Fig. 42



Fig. 38



Fig. 45



Fig. 46



Fig. 47



Fig. 48

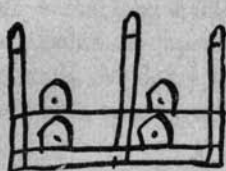


Fig. 49



Fig. 50



Fig. 51



Fig. 52

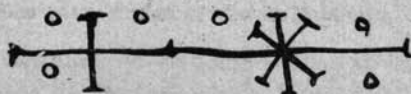


Fig. 53



Fig. 54



Fig. 55

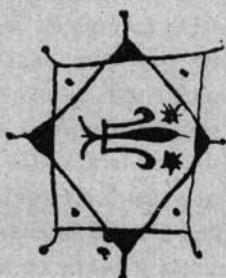


Fig. 56

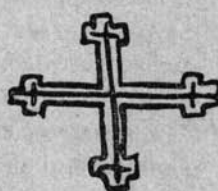


Fig. 58



Fig. 57



Fig. 59j



Fig. 60

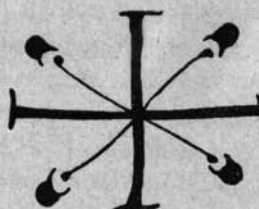


Fig. 62



Fig. 63



Fig. 61



Fig. 64



Fig. 65

sec. XIII (quando a marinha nacional ainda estava embrionaria), de tipos de chaves usadas no mesmo seculo, e de fórmãs de cruces que na sua variedade espelham robustez de crenças.

Alguna cousa pois se colheu para o conhecimento da nossa vida medievisa.

J. L. DE V.

La cerámica prehistorica decorada

Los vasos de las grutas de Palmella

La necesidad científica de estudiar comparativamente los monumentos arqueológicos de Portugal y de España justificará y disculpará a los ojos del público portugués este ensayo por parte de un modesto arqueólogo español. Ningunos países como los nuestros peninsulares tienen más razones para unir fraternalmente sus esfuerzos en favor de tan noble causa. La arqueología ibérica así lo demanda. Desde hace mucho tiempo perseguía yo ocasión oportuna de tratar del tema que voy a esbozar y que me parece de interés, tanto más hoy que por virtud de los numerosos e importantes descubrimientos conseguidos en los últimos años ha adquirido singular desarrollo el estudio de la Prehistoria en nuestra Península.

Confíandome pues en la benevolencia de los lectores, entro en materia.

I

Las grutas artificiales llamadas de Palmella por su situación a 4 kilometros al occidente de esta población, en el Casal Pardo, fueron exploradas en abril de 1876 bajo la dirección del Sr. Carlos Ribeiro por los Srs. Antonio Mendes y Agostinho José da Silva, de quienes se conserva una detallada noticia manuscrita corregida por el primero, la cual utilizó el Sr. J. Leite de Vasconcellos en su obra magistral *Religiões da Lusitania*¹ y publicó íntegra el Sr. P. Belchior da Cruz en el *Boletim da Sociedade Arqueologica Santos Rocha*² en 1906. Mr. Émile Cartailhac en su importante libro *Les Âges prehistoriques de l'Espagne et du Portugal* dió en 1886 noticia descriptiva de las grutas³ por los informes que le comunicó el mismo Sr. Ribeiro y publicó, en dibujos, creemos que por primera vez, lo que particularmente nos interesa, esto es, los vasos decorados que formaban parte del menaje

¹ Tom. I, pp. 227 y sgs.—1897.

² Tom. I, n.º 3.

³ Pág. 118 y sgs.